

CINEMA E MÉTODO DIALÉTICO: *LA BATALLA DE CHILE* DE PATRICIO GUZMÁN

Diogo Valença de Azevedo Costa¹

O cinema pode atuar como uma forma de autoconsciência do mundo político e social. Por outro lado, ele pode surgir também – graças às experiências sempre complexas de dissociação entre o indivíduo e sua comunidade nas sociedades contemporâneas – como uma consciência invertida da própria realidade. Uma sociologia do cinema nos ajudaria a entender em que medida a sétima arte representaria de fato uma atitude reflexiva ou um mero reflexo de uma vida alienada e alienante. O mais provável é que haja uma mescla das duas coisas.

Falaremos aqui, porém, não do cinema-entretenimento, de extração *hollywoodiana*, ou do cinema-arte *stricto sensu*, mas do cinema-documentário. Seria possível traçar uma linha de demarcação tão rígida, por exemplo, entre os dois últimos gêneros? Seria bastante simplista e mesmo simplório estabelecer fronteiras demarcatórias e estanques entre o cinema de arte e o documentário. O documentário-arte também se constrói segundo os ideais do “artesanato intelectual”, para citarmos uma expressão tão cara a Wright Mills, para quem esse artesanato representava a verdadeira fonte da imaginação sociológica.² A nossa atenção se voltará, enfim, para *La batalla de Chile*, de Patricio Guzmán,³ documentário político e histórico que, a nosso ver, revela de maneira exemplar a criatividade artística presente na construção de tal gênero cinematográfico. É uma queixa do próprio Patricio Guzmán o preconceito de se negar ao documentário o epíteto de arte.⁴

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

² Wright Mills. *The sociological imagination*. New York: Oxford University Press, 2000.

³ Patricio Guzmán. *La batalla de Chile: el poder popular*. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2006.

⁴ Patricio Guzmán. *No hay lugar para el arte*. Disponível em: <http://www.patricioguzman.com/index.php?page=entrevista&aid=8>. Acesso em: 09 março 2015. O objetivo do presente artigo não é debater o inegável estatuto artístico, político e filosófico do documentário como gênero cinematográfico. Para tanto, remetemos o leitor ao excelente trabalho de sistematização e questionamentos

La batalla de Chile se debruça sobre o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973, que culminou com a morte do Presidente Salvador Allende, principal símbolo e figura humana (Por que não dizer a de um mito heroico?) da via pacífica e democrática ao socialismo, e com o início de uma das mais violentas e sanguinárias ditaduras na América Latina, a do general Pinochet, tendo perdurado por 17 anos. Uma ditadura que, mesmo após o término oficial do regime em 1990, manteve por dois anos alguns prisioneiros políticos e ainda hoje divide em dois polos a sociedade chilena.

O documentário apresenta como subtítulo a “revolução de um povo sem armas” e está dividido em três partes, as quais não seguem necessariamente uma ordem cronológica. Elas parecem ter sido pensadas, muito ao contrário, como uma tentativa de compreensão histórica dos acontecimentos e de convite à reflexão sobre os motivos não declarados do golpe e do porquê de toda sua fúria repressiva ter sido dirigida contra amplos setores da sociedade chilena, os trabalhadores e suas organizações, as *poblaciones*⁵ e seus movimentos populares.

A primeira parte de *La batalla de Chile* se chama “a insurreição da burguesia”, a segunda “o golpe de Estado” e a terceira “o poder popular”. Além das três partes, é possível assistir a entrevistas concedidas por Patricio Guzmán a respeito do modo como ele planejou o roteiro, os registros dos acontecimentos, as entrevistas e escolhas de onde, quando e como filmar, a edição, a montagem das sequências e das narrativas a fim de desvendar a trama invisível dos fatos e a divisão de trabalho entre a sua equipe de colaboradores. O que irá nos interessar aqui, sobretudo, serão as aproximações ou

epistemológicos sobre o cinema de Silvio Da-Rin, *Espelho partido: tradição e transformação do documentário*. 4. ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

⁵ O termo mais próximo para traduzir *poblaciones* para a realidade brasileira seria *favelas*. No universo artístico da *nova canção chilena*, as *poblaciones* passam a significar um autêntico lugar político das vivências e lutas populares no momento histórico da *Unidad Popular* de Allende, como bem nos revela o álbum *Población* (1972), de Víctor Jara. Um trecho da música *Marcha de los pobladores*, faixa final do referido álbum, diz assim: “*Poblador, compañero poblador, con las banderas del gobierno popular, poblador, compañero poblador/por los hijos, por la patria y el hogar, poblador, compañero poblador, ahora la historia es para ti/con techo, abrigo y pan/marchemos juntos al porvenir*”. A esse respeito, ver Víctor Jara, *La Población* (CD). Chile: Warner Music Chile, 2001.

afinidades eletivas entre o fazer artesanal contido em *A batalha do Chile* e o método dialético, talvez o principal legado do marxismo às ciências sociais.

O método dialético não é um método apenas lógico ou de pensamento. Ele envolve não somente a apreensão da esfera de consciência social dos sujeitos históricos, mas também comporta e assume o engajamento político dos indivíduos. Sem dúvida, ele é um método reflexivo por excelência. Não só produz conhecimento, mas conhecimento ativo capaz de sensibilizar corações e mentes. Há neste documentário em particular, como em todos os outros de Patricio Guzmán, a exemplo de *Chile, a memória obstinada* (1996-1997) e *O caso Pinochet* (1999-2001), também o envolvimento político do cineasta e a reflexão constante sobre as próprias condições de produção da obra, do filme, como um direito do cidadão.⁶ O caráter autorreflexivo do cinema de Patricio Guzmán se revela não só em suas posições epistemológicas quanto aos métodos de construção do documentário, mas também na tomada consciente de posições políticas e de crítica à naturalização da ordem social.

Num momento histórico bastante particular, em que a questão da democracia foi colocada como um meio de ampliação da participação popular nos locais de moradia, de trabalho, diretamente no chão de fábrica e nas fazendas ocupadas pelos movimentos camponeses – o caso da *Unidade Popular* no Chile do início dos anos de 1970 – seria um experimento crucial para as ciências sociais o debruçar-se sobre o caráter crítico e reflexivo da arte então produzida nesse contexto específico, não só o cinema, mas também o teatro, a música, a poesia e a pintura mural de forte expressão política.

A nossa proposta será esboçar algumas semelhanças entre *La batalla de Chile* de Patricio Guzmán e o método dialético como forma de investigação essencialmente crítica da história das sociedades. Nossa intenção, sem grandes preocupações teóricas, é discutir o

⁶ Na página oficial do cineasta podemos visualizar, na seção seminários, a ideia de que o documentário constitui um direito do cidadão. Patricio Guzmán. *Contenido de las clases*. Disponível em: <<http://www.patricioguzman.com/index.php?page=seminarios&aid=2>>. Acesso em: 09 março 2015.

cinema como espaço reflexivo de construção do conhecimento, de transformação e atuação sobre o mundo político e social.

UM OUTRO CHILE SERIA POSSÍVEL?

A experiência chilena do Governo da Unidade Popular é rica de significados históricos. Não podemos reduzi-la a nenhuma de suas dimensões de modo a questionar se algum acontecimento ou circunstância poderia ter evitado o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973. A dialética marxista procura tratar com o real e indagações desse tipo lhe parecem ser muito estranhas. Mesmo assim caberia a pergunta se o golpe poderia ter sido evitado. Esse experimento ideal à *la Weber*, que recorre a hipóteses e raciocínios contrafactuais, é útil para o cientista social quando ele procura determinar com maior exatidão as causas necessárias e suficientes responsáveis pela emergência de condições históricas particulares. Mas ele pode valer também para o esforço artístico de reconstrução cinematográfica de um presente em andamento ou de um passado ainda vivo na memória e, sob muitos aspectos, determinante do futuro.

Isso é tanto mais verdadeiro quando nos damos conta de uma constatação tão óbvia que às vezes dela não nos apercebemos: os sujeitos sociais, os atores ou agentes, como queiram, agem objetivando certos resultados e tentando definir os rumos dos acontecimentos diante do que consideram mais desejável. Para os sujeitos que vivem a história, não está dado o desfecho dessa peça teatral e o futuro é um livro aberto. Nesse sentido pensamos que seria legítimo questionar, por exemplo, se o grupo político de Allende tivesse destituído os militares que já haviam dado sinais de sua provável adesão a uma conspiração sediciosa, possivelmente o golpe poderia ter sido evitado. Nenhuma hipótese desse tipo seria completa, mas ela ajudaria a ampliar nossos horizontes.

A verdade é que o raciocínio contrafactual não está em contradição com a dialética marxista. Ao interpretar o motor da história como a luta de classes – cujo desfecho pode ser a construção de uma nova sociedade a partir dos escombros da antiga ordem, ou ainda, a aniquilação das classes em confronto – fica bastante evidente de que há alternativas na história e de que o seu resultado não é uma fatalidade. Assim, pensar contrafactualmente seria um esforço de se

colocar na situação histórica vivida e perceber que certas ações deteriam o significado de tentar barrar uma evolução indesejável para determinado grupo de indivíduos. O conhecimento que os agentes sociais produzem da história se aprende no próprio processo e, desse modo, eles vão percebendo os limites de suas próprias ações no confronto com outros grupos.

Os promotores do golpe e os derrotados não sabiam previamente quais seriam os resultados de suas ações. Muitos acreditavam, por exemplo, que um golpe não seria provável e, se acreditassem, talvez tivessem agido de outra forma. No caso dos golpistas o que se queria evitar, nas racionalizações de alguns, seria uma ditadura de tipo comunista. Se isso é historicamente exato não interessa aqui, mas tão-somente o modo como os agentes tomaram consciência política de sua própria situação. O documentário de Patricio Guzmán, *A batalha do Chile*, revela esse talento ímpar de dar voz aos atores do drama, com uma forte economia narrativa, mas que mostra aos poucos como os fatos foram sendo apreendidos pelos sujeitos e como eles passam a atuar conscientemente em determinadas direções, muito apesar de estarem premidos pelos acontecimentos.

A montagem do documentário foi feita *a posteriori*, quando Patricio Guzmán já se encontrava no exílio, ele mesmo um perseguido pela ditadura chilena. O cinegrafista de sua equipe, Jorge Müller Silva, a quem ele dedica o filme, é uma das vítimas desaparecidas. Não deixa de estar presente o envolvimento ideológico do autor na interpretação de um fato histórico cujo final já conhecemos. Sua sensibilidade artística, porém, foi capaz de reconstruir a trama invisível dos acontecimentos em sua complexidade, apanhando as suas múltiplas dimensões políticas, sociais, econômicas, culturais e ideológicas. Essa sensibilidade artística talvez o aproxime mais do Karl Marx de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* do que de *O Capital*, porém o método dialético se espraia em níveis cada vez mais complexos e diferenciados do real concreto, de maneira que seria difícil estabelecer gradações entre a perspectiva lógica de interpretação das características fundamentais do modo de produção capitalista e as investigações históricas sobre a dinâmica das classes sociais. Mesmo assim podemos dizer que *La batalla de Chile* se aproxima mais dos melhores trabalhos de investigação histórica da tradição política marxista.

O nosso objetivo agora será apresentar alguns elementos dessa reconstituição da luta de classes no Chile durante o governo da *Unidade Popular*, mas não seguiremos exatamente toda a narrativa construída por Guzmán, abordaremos, por razões de espaço, apenas a terceira parte do filme, *O poder popular*. Todo o documentário, no entanto, é indivisível e seria indispensável assistir às outras duas partes para se ter uma visão mais fidedigna do conjunto da obra e da sensibilidade artística nela presente. Após resumir os principais traços políticos contidos na terceira parte apontaremos algumas afinidades entre os métodos de trabalho de Patricio Guzmán e a perspectiva da dialética marxista na interpretação dos processos históricos. A ambição de apreender o movimento contínuo da história, o processo *in flux* da vida política, econômica, cultural e social, bem como a marcha em ziguezagues dos acontecimentos, é uma característica fundamental da dialética marxista que podemos encontrar em *A batalha do Chile*.

O PODER POPULAR

O cientista social e o documentarista procedem de uma maneira bastante análoga. Não é tudo o que se vê que interessa a ambos, mas aquilo que pode ser considerado essencial para explicar um fenômeno ou reconstruir os acontecimentos históricos. Como então distinguir entre o essencial e o acessório? A resposta não é fácil, por isso nos limitaremos a indicar como Patricio Guzmán resolveu tal dilema, tomando como exemplo a terceira parte de *A batalha do Chile*. Os fatos que lhe pareceram mais relevantes e essenciais revelam, ao mesmo tempo, sua cosmovisão política.

A terceira parte, *O poder popular*, começa com um desfile de Salvador Allende com gritos de apoio da população: “*Allende, Allende, el pueblo te defiende!*”; “*Viva Salvador Allende!*”; “*la izquierda unida jamás será vencida!*”. Essa é uma passagem bastante comum, diversas vezes repetida nas duas outras partes do documentário. Mas ela abre a terceira parte como um artifício para mostrar o intenso apoio popular de Salvador Allende e como, a partir daí, se desenrolam as contradições em torno das ações de seu governo. Teriam passado dezoito meses da eleição presidencial e as medidas de nacionalização das indústrias estratégicas chilenas, como as minas de cobre, ferro e nitrato, saíram vitoriosas devido ao grande apoio popular de que desfrutavam, levando inclusive setores conservadores

do parlamento, representantes da grande burguesia a votarem a seu favor, sob pena de perderem eleitores ou se tornarem impopulares.

O governo Allende havia também expropriado terras cultiváveis e estatizado bancos nacionais e estrangeiros. A reação dos monopólios norte-americanos, estadunidenses, e da oposição interna logo se faz sentir de maneira intensa e ameaçadora. O primeiro ato da insurreição burguesa foi a greve dos *transportistas*, dos empresários do setor de transportes, que passam a boicotar o abastecimento de bens de consumo para as cidades e de matérias-primas para as indústrias. Procurou-se precipitar a crise do governo Allende fomentando-se um boicote econômico, em especial dos gêneros de primeira necessidade e de consumo familiar. Além disso, a paralisação do transporte público de passageiros, na sua quase totalidade controlado por empresas privadas, teria sido uma forma de impedir o acesso dos operários às fábricas e, com isso, interromper a produção industrial.

Os órgãos do governo controlavam os setores estratégicos da economia, mas não detinham poder direto sobre a produção e distribuição de gêneros alimentícios e de consumo pessoal. São os empresários diretamente ligados a esses setores que passam a açambarcar mercadorias, de modo a fomentar a escassez e forçar um aumento artificial dos preços no “mercado negro”. A resposta dos trabalhadores foi organizar transportes alternativos e criar juntas de abastecimento, fazendo com que nenhuma das fábricas interrompesse suas atividades e as famílias pobres tivessem suas necessidades básicas de alimento, vestuário e bens de higiene pessoal prontamente atendidas.

Essa é a origem das organizações de base conhecidas como *cordones industriales*, um conjunto de empresas que se solidarizavam na solução de seus problemas de estoque, peças de reposição, consumo de matérias-primas e nas resoluções dos entraves técnicos da produção. A greve dos *transportistas* fora acompanhada de uma greve dos profissionais liberais e muitos dos engenheiros haviam abandonado o chão de fábrica como mais uma forma de boicote à indústria. Os próprios trabalhadores se organizaram e criaram nas empresas setores especializados na fabricação de peças de reposição, contando com a experiência dos operários mais qualificados. O

controle social da produção passa aos trabalhadores, que logram derrotar momentaneamente a ofensiva patronal conservadora e reacionária. Em *La batalla de Chile* a dinâmica dos conflitos e contradições de classe acompanha a todo instante a construção da narrativa e a seleção dos personagens dessa epopeia histórica.

A quebra de braços entre tais setores da burguesia e o conjunto das classes trabalhadoras chilenas chega a um forte impasse: de um lado, com o fracasso da greve empresarial iniciada em 11 de outubro de 1972 revelou-se a impossibilidade dos grupos políticos reacionários seguirem adiante no intento de desestabilizar o governo causando uma crise geral da economia e, de outro, com o boicote externo do fornecimento de matérias-primas para as indústrias o próprio movimento operário começava a dar sinais de esgotamento e de dificuldades em continuar resistindo sem uma ruptura definitiva com os marcos legais da ordem burguesa.

Essa situação faz com que Allende e seus conselheiros diretos decidam incorporar militares legalistas que haviam jurado defender a Constituição e a normalidade democrática, como o General Carlos Prats, à frente do governo com o propósito de aplacar os ânimos de ambos os lados. A *via pacífica ao socialismo* não poderia permitir que a atuação espontânea e autônoma dos trabalhadores ultrapassasse a barreira da própria ordem legal burguesa, apesar da Unidade Popular representar a minoria parlamentar e dos partidos conservadores boicotarem sistematicamente todas as propostas e medidas do executivo. No plano institucional qualquer tentativa de construção do socialismo havia se tornado improvável no contexto chileno. O aprofundamento da revolução chilena exigiria que a *via pacífica* se transformasse na defesa armada das conquistas populares e disso já tinham consciência os setores mais radicais e avançados das classes trabalhadoras.

O mais importante, contudo, é como esses acontecimentos são apresentados na sequência do documentário como uma forma de compreender o processo de autoconstrução da consciência de classe dos trabalhadores. Cada acontecimento era confrontado com as falas de indivíduos das classes trabalhadoras com níveis diferenciados de consciência e participação políticas. A prática organizativa direta dos operários, camponeses, *pobladores* e proletários em geral havia se

tornado um método de produção de conhecimento sobre o mundo político, social e histórico. A análise dos fatos ideológicos, políticos, sociais e econômicos por Patricio Guzmán em *A batalha do Chile* segue em grande medida esse método de autoconstrução dos trabalhadores de sua consciência de classe, evidenciando a íntima imbricação entre *práxis revolucionária* e apreensão das contradições objetivas do sistema capitalista. Nas entrevistas do documentarista chileno podemos perceber como o próprio autor vai amadurecendo politicamente nesse processo de criação e de reinterpretação do real histórico.

As ações e palavras dos proletários chilenos se constroem, num processo dialético de contradições políticas, sempre em resposta às ofensivas da burguesia e do capital monopolista contra as medidas mais radicais do governo Allende. Como se pode testemunhar em *A batalha do Chile*, mesmo trabalhadores que militavam nos quadros de agremiações políticas opositoras, como o Partido Democrata Cristão, haviam se colocado contra a greve dos empresários dos meios de transporte e apoiado os esforços de evitar um boicote à produção fabril. Ao perguntar a um trabalhador democrata cristão se ele estaria com a *Unidade Popular*, a resposta foi: estou “*con los trabajadores*”. A identidade de classe era mais ampla e transcendia as vinculações partidárias. Apesar de não se identificar com a frente política do governo Allende, o operário entrevistado se identificava com seus companheiros de classe. Os trabalhadores democratas cristãos haviam se colocado em contradição com seu próprio partido, indicando os germes de novos horizontes ideológicos potencialmente anticapitalistas e socialistas.

Uma das passagens que retrata nitidamente níveis distintos de aprofundamento político e de consciência de classe entre os trabalhadores aparece quando se lhes pergunta: “O que acha dos militares no gabinete”? A maioria das respostas se mostrou favorável: “Estou de acordo com a presença deles. É a única maneira de dominar os reações (*sic*)”; “Demorou muito. Deveriam ter posto no começo [da greve dos *transportistas*]”; “Concordo plenamente”. Perguntando-se a um dos trabalhadores se os militares estavam com o povo, a resposta positiva vem acompanhada da seguinte justificativa: “claro, hoje estão todos com o povo. Primeiro, porque as forças reacionárias não conseguiram atrair todas as Forças Armadas. A declaração de ontem

do general [Carlos Prats] é, com certeza, uma garantia para nós”. Essas falas estariam mais próximas de uma consciência de classe vinculada à valorização populista da liderança carismática de Salvador Allende e do apoio necessário que os militares poderiam dar à defesa da legalidade, da Constituição e dos trabalhadores. A espada salvadora iria garantir as conquistas e aspirações dos mais pobres.

A voz dissonante de um operário se faz também ouvir no documentário: “Sempre fui contra os militares no governo”, o motivo é logo explicitado: “pela simples razão de que sistema democrático não combina com militares”. Ao ser indagado por que o presidente Allende teria então recorrido aos militares, ele argumenta: “O momento era grave demais, era necessário, suponho, vistas as circunstâncias, para manter a sua autoridade e pôr ordem. Mas que seja por pouco tempo”. Uma das características mais fortes do cinema de Patricio Guzmán é a de dar voz direta a seus personagens reais, de modo que o próprio expectador do documentário possa desenvolver suas reflexões e consciência crítica como se estivesse participando da marcha real dos acontecimentos.

A participação nos *cordones industriales* era avaliada positivamente pelos trabalhadores como um ganho para sua formação política, pois ao resolverem os problemas técnicos das fábricas, eles estavam ao mesmo tempo opondo resistência aos atos de sabotagem da burguesia e assentando o poder popular no controle social da produção pelas classes dominadas. Os *cordones industriales* surgem por ocasião da greve dos *transportistas*, mas eles se mantêm após o término do movimento paredista patronal e iriam se transformar muito rapidamente num experimento político de democracia direta e poder popular mais amplo e radical, chamados de *comandos comunales*, envolvendo numa mesma organização operários de fábricas, *pobladores* e camponeses. Tais *comandos* colocaram, por exemplo, trabalhadores fabris nas ocupações de fazendas cultiváveis em solidariedade às lutas dos camponeses contra a exploração no campo. Essa evolução política demonstrava um nível muito maior de consciência proletária. As palavras de ordem se tornam cada vez mais radicais, como as frases “*trabajadores al poder*” e “*crear, crear, poder popular*”, a partir de então bastante ouvidas e repetidas nas passeatas e protestos de rua.

Um dos momentos mais marcantes da terceira parte do documentário é quando se colocam em tensão direta, cara a cara, as duas faces do processo revolucionário chileno: a revolução dos *de baixo*, sinalizada pela radicalização política e ideológica dos trabalhadores, camponeses e *pobladores*, de um lado, e a revolução *a partir de cima*, impulsionada pelo governo Allende e por seus representantes no aparelho de Estado, de outro. Apesar de defender medidas socializantes, tais como a nacionalização das riquezas estratégicas do país e a reforma agrária, o projeto da *via democrática* para o socialismo respeitava os limites jurídicos da ordem burguesa e terminava por cair nas armadilhas burocráticas das leis de Estado. Isso provocou tensões e fortes divergências políticas entre os setores mais radicalizados do movimento popular e os técnicos do governo encarregados de implementarem as propostas de transformação.

Uma das passagens, já quase no final da terceira parte do documentário, retrata esse dilema. O movimento campesino havia ocupado uma fazenda e o proprietário recorreu a artifícios jurídicos para evitar sua desapropriação. Não só o legislativo era dominado pelas classes burguesas e partidos conservadores, mas também as instâncias judiciárias serviam aos empresários e latifundiários. Um técnico do governo Allende vai ao local para mostrar a situação difícil em que aquela ocupação colocava o próprio governo, que não poderia desobedecer decisões judiciais e os preceitos legais. A burocracia estatal passa a ser enfrentada pelos campesinos organizados no *comando comunal* nos seguintes termos, nos quais podemos ver o diálogo entre militantes populares e um dos membros dos quadros técnicos do governo chileno:

[Dirigente campesino] Não quero perder tempo, e sim trabalhar e produzir mais. É o nosso lema. Não adianta nada ficar no escritório fumando, cuidando de papelada. Quem não for competente deve ser tirado do cargo. Eu, por exemplo, como dirigente. Se algum companheiro campesino me disser que sou mau dirigente, eu renuncio e dou o cargo a alguém mais competente. Somos sinceros com o companheiro [referência ao técnico do governo Allende], acho que ele sabe se defender. Mas, se alguém aqui entrar nossa

ação, vamos encontrar um meio de tirar o companheiro do cargo. Aqui dentro da *comuna* de Maipú não será mais companheiro, pois não resolveu um só problema das glebas de Maipú. Como diz a petição, sabemos com clareza que faltam batata, açúcar, todas essas coisas que a terra produz! Há escassez, sobretudo de produtos agrícolas. Claro, em parte somos causadores um pouco do problema de desabastecimento. É por isso que queremos expropriações, para que haja mais alimentos. Os reaçãs (*sic*) costumam dizer que somos preguiçosos. Esta é a prova do contrário. Estamos produzindo alimento porque sabemos que temos de defender nossa causa. Só isso, companheiros. [Técnico do governo chileno] Ocupo um cargo que, em termos de remuneração, não significa benefício. Não é para me enriquecer. Mas, para ser concreto, companheiros, vou fazer minha autocrítica. Foi um erro confiar demais na Central da Reforma. É uma responsabilidade que tenho que assumir. Tenho de assumir, e vai me servir de lição. Admito diante de vocês. Por outro lado, vejam bem, dou muita importância ao que estão colocando, porque me sinto revolucionário. Quando um revolucionário se sente criticado por causa de algo que pensava estar fazendo certo, isso tem de servir para ele trabalhar melhor no futuro. Podemos debater o problema outro dia, mas acho que vocês mereciam uma explicação. [Outro militante campesino faz um aparte] Como revolucionário e funcionário, você não tem horário, deve apoiar os camponeses e trabalhar mais.

A radicalização dos trabalhadores do campo e da cidade, bem como o aprofundamento de seu nível de consciência de classe pela autoeducação nos movimentos de resistência e na construção de suas organizações políticas, segue passo a passo em *La batalla de Chile* as oscilações ideológicas, as ofensivas econômicas, os blefes, engodos e recuos táticos das classes burguesas.

Essa forma aparentemente espontaneísta de construção da consciência de classe detinha o apoio de forças organizadas da esquerda, porém a falta de um prévio preparo técnico-militar e a ausência de poder armado entre as classes trabalhadoras terminavam por colocá-las numa situação bastante delicada de desvantagem bélica.

A batalha do Chile se desenha como uma verdadeira tragédia grega, pois todos sabem que a morte anunciada está próxima e dizem estar dispostos a fazer de tudo para evitar o desfecho violento, mas ao mesmo tempo suas ações e reações conduzem inevitavelmente ao final trágico e indesejável. O golpe de 11 de setembro de 1973 não foi uma fatalidade histórica, porém um de seus motivos foi a falta de uma consideração adequada da *questão militar* entre as forças de esquerda chilenas. O não reconhecimento do caráter de classe da instituição militar e de suas clivagens internas foi um erro crucial de avaliação objetiva das circunstâncias políticas.

O próprio Salvador Allende confiava nas tradições democráticas e patrióticas das forças armadas chilenas. Esse erro lhe custou a vida. Mas seu erro continha a força da verdade das convicções heroicas. De fato, o povo chileno e as classes trabalhadoras aderiram a seu chamado, porque ele soube ler e interpretar frustrações profundas que vicejavam no solo histórico chileno. Será, contudo, que os acontecimentos poderiam ter seguido outro caminho? É certo que os trabalhadores estavam organizados, mas também estavam desarmados. O perigo de um retrocesso conservador era iminente e disso tinham certo conhecimento os trabalhadores mais politizados. A fala que encerra a terceira parte do documentário, *O poder popular*, revela o tom angustiante dessa consciência plebeia, a qual sinaliza para a necessidade de uma crítica da chamada *via pacífica* em meio ao despreparo para responder a uma ameaça militarizada. Após apontar o questionamento da legalidade burguesa pelos próprios trabalhadores e a necessidade de ir mais longe na desestruturação do Estado capitalista, o documentário de Patricio Guzmán mostra como o fim trágico do processo revolucionário chileno começou a ser intuído pelos setores operários que se colocavam à frente da produção nas indústrias e minas nacionalizadas. As palavras finais de *A batalha do Chile* pertencem a um operário das minas de salitre:

[Pergunta do documentarista] Diga-me uma coisa companheiro: o que fazer? [Operário da mina de salitre] Olhe, o momento que estamos vivendo é difícil. São momentos bastante difíceis. É preciso fazer uma faxina, mas de cima até embaixo. Se o governo não se liberar de certos compromissos, o governo vai ser liquidado. Não tem outro remédio ao governo que tomar as rédeas. Tomar o governo as rédeas e fazer uma limpeza em todo o país, no interesse da pátria. A pátria fica, nós passamos. Logo vai chegar o momento da crise. [Pergunta do documentarista] Diga-me, companheiro, acha que se deve ter mão firme agora? Esta é a oportunidade, é agora ou nunca. O inimigo está extremamente preparado. O inimigo não vai nos dar trégua. Esta é a oportunidade. Temos que fazê-lo, e se não fizermos agora, não vamos fazer nunca! Porque o inimigo sabe o que o espera. Ele sabe que nunca irá recuperar o que perdeu. E é como o diabo. [Fala do documentarista] Vamos caminhando, companheiro nos vemos. [Fala do operário] Que sigamos adiante. É agora ou nunca...

A necessidade de romper com os marcos impostos pela legalidade burguesa estava posta pelos setores mais avançados e conscientes das classes trabalhadoras. Por essa razão seria possível pensar numa estratégia de ação que pudesse atuar em duas linhas, a de isolar as alas golpistas das forças armadas chilenas e a de intensificar a propaganda política de esquerda entre os soldados e oficiais subalternos. A tarefa seria difícil, mas teria sido talvez o único modo de barrar a marcha crescente da ofensiva de classe da burguesia. No entanto, o caminho para uma resistência armada de longa duração deveria ter sido antes preparado. A ditadura de classes da burguesia saiu vitoriosa, mas ela nunca representou a única opção histórica ou o resultado da marcha inexorável dos acontecimentos. A perspectiva fatalista da história apenas interessa ao irracionalismo conservador, que toma como o fim do mundo qualquer mudança mínima das estruturas sociais em direção a uma maior justiça social.

CINEMA E MÉTODO DIALÉTICO NO DOCUMENTÁRIO DE PATRICIO GUZMÁN

O cinema político de Patricio Guzmán, em especial o documentário *A batalha do Chile*, permite estabelecer importantes aproximações com o método dialético. Se optamos por falar de *afinidades eletivas* é porque não reconhecemos nenhum objetivo explícito por parte do cineasta em questão de construir seus métodos de trabalho a partir de uma perspectiva marxista. No entanto, pensamos que seria frutífero um esforço de estabelecer comparações entre o tipo de conhecimento produzido pelo cinema-arte e a perspectiva política do método dialético.

É provável que a formação acadêmica de Patricio Guzmán tenha de algum modo contribuído para tais *afinidades eletivas* com o método dialético de crítica e transformação da sociedade. O documentarista, em seu *Curriculum Vitae*, indica que cursou história e filosofia na *Universidad de Chile* entre os anos de 1961 e 65, então centro de efervescência cultural nos meios de esquerda chilenos.⁷ Sua formação acadêmica é, portanto, ampla e ela conflui para seu trabalho como cineasta.

O mais fundamental, contudo, é que o seu documentário envolve diversos elementos do método dialético. O rigor da análise histórica não seria aí perseguido, mas a sua sensibilidade artística permite o mesmo tipo de reprodução do concreto pensado como uma “síntese de múltiplas determinações”.

Ora, a análise dialética geralmente inicia com um todo concreto indiferenciado, caótico, cuja compreensão se limita a intuições de como tal realidade histórica está organizada e sofre transformações. Seria necessário, num primeiro momento, delimitar os níveis de análise e as dimensões da realidade a serem observadas. É justamente isso o que Marx faz ao escolher entre um nível de análise e outro, conforme ele estivesse investigando os fenômenos históricos em curso, a exemplo de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* e de *A guerra civil na França*, ou sua intenção fosse de estabelecer as leis

⁷ Patricio Guzmán. *Patricio Guzman – Curriculum Vitae*. Disponível em: <<http://www.patricioguzman.com/index.php?page=curriculum>>. Acesso em: 28/03/2015.

gerais de desenvolvimento do modo de produção capitalista em *O Capital*.⁸ As diferenças visíveis entre essas três obras no tratamento dado às classes sociais se justifica pelo maior afastamento ou aproximação aos acontecimentos históricos reais.

No último livro, em *O Capital*, o grau de abstração seria mais elevado e por isso Marx poderia simplesmente falar das classes fundamentais do modo de produção capitalista: capital e trabalho. Posteriormente ele acrescenta a renda da terra. Como nas suas investigações históricas a aproximação com a realidade social era maior, ele poderia listar pelo menos seis ou sete classes sociais, *nobreza, grande burguesia, pequena burguesia, camponeses, proletários e lumpenproletários*. A abordagem dialética opera com níveis diferenciados e complementares de análise, por isso devemos pensar, antes, quais aspectos da realidade social devem ser considerados.

Talvez uma das exposições mais acabadas de Marx sobre o seu próprio método de investigação, publicada postumamente, seja a famosa *Introdução de Para a crítica da economia política*.⁹ A dúvida ali esboçada seria de onde partir na análise histórica, se das categorias mais simples e abstratas, ou das categorias complexas e concretas? O método seria uma passagem do mais simples ao complexo no processo lógico de reconstrução, pelo pensamento, das totalidades histórico-concretas. Esse concreto, no entanto, seria o verdadeiro ponto de partida da intuição ou da representação.

As categorias abstratas não constituem *a priori* lógicas de uma mente reflexiva autônoma, mas resultados do processo histórico de constituição das sociedades modernas e de seu respectivo modo de produção capitalista. Uma das passagens da *Introdução* nos ajudará a desvendar melhor o problema:

[...] se começássemos pela população, teríamos uma representação caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa,

⁸ Karl Marx. *El 18 Brumario de Luis Bonaparte*. Buenos Aires: Longseller, 2005; *Idem*. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011; *Idem*. *O Capital*. 18. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

⁹ Karl Marx. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples. Chegados a esse ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas. O primeiro constitui o caminho que foi historicamente seguido pela nascente economia. Os economistas do século XVII, por exemplo, começam sempre pelo todo vivo: a população, a nação, o Estado, vários Estados etc.; mas terminam sempre por descobrir, por meio da análise, certo número de relações gerais abstratas que são determinantes, tais como a divisão do trabalho, o dinheiro, o valor etc. Esses elementos isolados, uma vez mais ou menos fixados ou abstraídos, dão origem aos sistemas econômicos, que se elevam do simples, tal como trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, até o Estado, a troca entre as nações e o mercado mundial. O último método é manifestamente o método cientificamente exato. O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso é que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si, e se move por si mesmo; enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se

apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto. A mais simples categoria econômica, suponhamos, por exemplo, o valor de troca, pressupõe a população, uma população produzindo em determinadas condições e também certos tipos de família, de comunidades ou Estados. O valor de troca nunca poderia existir de outro modo senão como relação unilateral, abstrata de um todo vivo e concreto já dado.¹⁰

No caso das investigações no campo da Economia Política, o esforço de alcançar categorias cada vez mais simples e abstratas atingia o propósito de crítica ideológica do pensamento burguês e de compreensão teórica das contradições do modo de produção capitalista. Quando os objetivos da pesquisa se direcionavam para o jogo concreto da luta de classes, tais como elas se desenrolavam no dia a dia das disputas políticas entre os representantes de diferentes frações da burguesia e dos trabalhadores, bem como de outras categorias sociais, aquelas noções abstratas e teóricas gerais poderiam ser omitidas na exposição e tratamento dos fatos históricos. No entanto, a compreensão teórica da sociedade capitalista não deixa de estar presente, utilizada implicitamente como um critério objetivo para avaliar os acertos e equívocos da atuação dos grupos sociais, em suas alianças, cisões, rearranjos de classe e nas suas decisões tomadas no calor das pressões dos acontecimentos e da conjuntura política.

O método dialético, situado nesse nível mais concreto de análise e síntese dos acontecimentos históricos, permite tratar de forma conjunta e articulada as dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas. Esse é o modelo de investigação e exposição contido em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* e, de igual modo, podemos vislumbrar tais métodos de indagação crítica da realidade no documentário de Patricio Guzmán sobre o golpe de 11 de setembro de 1973. Iremos nos valer de uma entrevista de Guzmán concedida a Catalina Villar,¹¹ no qual o documentarista apresenta

¹⁰ Karl Marx. *Para a crítica da economia política*. p. 14-15.

¹¹ Catalina Villar. *Patricio Guzmán: una historia chilena* (DVD). Rio de Janeiro: Videofilmes, 2006.

diante das câmeras o roteiro e o esquema de *A batalha do Chile*. Ali estão esboçados alguns elementos de análise histórica do método dialético.

O roteiro está dividido de modo bastante simples, de forma a decompor a realidade nos problemas econômicos, ideológicos e políticos da *via democrática ao socialismo* no Chile. Diz Patricio Guzmán que “temos que ir ao fundo do problema, subdividir a realidade”. No curso da entrevista ele afirma que uma das maneiras de subdividir a realidade seria por áreas. No entanto, a própria divisão da realidade em áreas lhe parecia insuficiente: “Isso é muito bonito, mas é muito abstrato. Aqui não se vê nada”. A questão que se colocava, no momento mesmo em que eram produzidas as filmagens de *A batalha do Chile*, era como focalizar os problemas fundamentais pertinentes a cada uma das subdivisões da realidade chilena trabalhadas em seu roteiro. As escolhas do que filmar se davam aparentemente ao acaso, mas obedeciam ao esquema de subdivisão do mundo social trabalhado previamente pelo cineasta:

Onde está o problema econômico fundamental? No abastecimento? Isto é claro: deixemos de lado tudo o demais. Isso era o único claro. A loja, onde a mulher não tem o que comprar! Isso é fundamental. E o problema essencial na área ideológica? Onde há mais problemas: é na educação? Nos colégios? Na universidade? Ou nos meios de comunicação? No caso do problema campesino, já tínhamos três expropriações de fundo filmadas. Resolvido. No caso de algum meio de comunicação, havíamos filmado numa rádio emissora. Estava coberto esse problema. No caso das forças políticas, não tínhamos nenhuma discussão, nenhuma entrevista com um secretário geral de um partido. Nos faltava. E esse era o nosso propósito para a semana seguinte. Esse era o método.

À maneira do movimento de análise da dialética, a realidade social era subdividida nos seus elementos constitutivos e mais simples. Tratava-se não pura e simplesmente de um método de filmagem, mas de conhecimento do próprio processo histórico em curso, *in flux*. O esquema, no entanto, não era uma forma de ossificar o mundo social em esquemas abstratos. O documentarista se valia de uma combinação de métodos. Segundo Guzmán, “outra metodologia era estar em todas, era uma possibilidade aberta”. Se havia comícios, passeatas e protestos inesperados, seria preciso estar lá: “Se Allende fizer um discurso espetacular, esqueça a metodologia, as duas latas por dia.¹² Amanhã, se fala Allende, serão dez latas diárias! É o fato que manda”. A própria dinâmica dos acontecimentos históricos guiava Patricio Guzmán e sua equipe de colaboradores. Um dos compromissos do método dialético é acompanhar os fatos, as mudanças históricas e não tomar a sociedade como algo estático.

A trama invisível dos acontecimentos constituía um elemento essencial para a perspectiva cinematográfica de Patricio Guzmán. Era preciso ir além da aparência dos fenômenos e isso não se conseguia apenas captando os fatos espetaculares da vida social, que envolvem as grandes personalidades. A importância dada ao registro do cotidiano invisível das fábricas e dos *cordões industriais* revela, ao mesmo tempo, uma faceta militante e politicamente engajada de *A batalha do Chile*. Para compreender as raízes do processo social, seria preciso surpreender as forças subterrâneas da história no próprio *fazer-se história*, acontecimentos esses de pouco interesse para os aparelhos privados de produção da ideologia burguesa. Nas palavras de Patricio Guzmán, podemos sentir que o ato de registrar os movimentos dos cordões industriais era desvendar os fatos invisíveis da história:

A filmagem durou sete meses. Antes de “A batalha do Chile”, já tínhamos treino. Tínhamos feito uma película sobre a greve de outubro. A direita inteira parou: todos os engenheiros, médicos e profissionais se foram. Deixaram os trabalhadores sozinhos. Foi quando fomos às fábricas e conhecemos os

¹² A equipe de Patricio Guzmán trabalhava com a quantidade máxima de dois rolos de filme por dia, cada um possibilitando poucos minutos de registro das imagens.

cordões. Os cordões industriais eram territórios geográficos de fábricas. Então havia 100 fábricas em uma só avenida, que tinha um nome. No outro lado, havia 50 fábricas em outra agrupação. Então íamos de um lado para o outro. Estávamos todo o dia ali. Nos cordões industriais não havia correspondentes, jornalistas, não havia ninguém. Para a mídia, isso não era notícia. E nós estávamos metido dentro do debate interno da base. E isso são fatos invisíveis. E nos demos conta de que, quanto mais fatos invisíveis, melhor. Era como pertencer ao que se está agitando abaixo. Essa dinâmica não é palpitante, é tediosa, pesada demais depois do almoço... Porém, pouco a pouco com as pequenas afirmações você vai entendendo o total.

Os fatos invisíveis e a própria dinâmica dos acontecimentos pouco a pouco conduziam o cineasta a uma visão do todo, do conjunto, da totalidade do processo social, levando-o a reproduzir a realidade como uma “síntese de muitas determinações” ou como “a unidade do diverso”. Outro modo de captar os fatos invisíveis era o de registrar as imagens dos bastidores, a exemplo de uma coletiva de imprensa do presidente Allende, em que o foco recai sobre os presentes, como Altamirano, chefe do Partido Socialista, e Corvalán, principal dirigente do partido comunista. Isso não se diz na narração, mas para Guzmán são detalhes essenciais a serem registrados.

Nos bastidores da referida coletiva de imprensa do presidente Allende podemos surpreender alguns militares. É um sinal de que as forças históricas em confronto compartilhavam o mesmo ambiente, combatendo-se frente a frente nas mais variadas oportunidades. Uma das características do cinema de Patricio Guzmán é o choque de contrastes, pois o documentário seria uma forma de refletir a sua própria vivência e transferi-la ao telespectador, para que esse pudesse firmar autonomamente suas posições e conclusões ideológicas.

Por essa razão, nos documentários de Guzmán há pouca narrativa e mais apresentação dos choques de contrastes. A intenção de apresentar a vivência dos fatos pela opôs

Não gosto da técnica superestruturada do documentário. Fica-se na apresentação de quatro opiniões salpicadas do filme, mas não se entra no cerne do problema. Te falta viver o que se passa. Para mim o ideal é dar elementos ao telespectador, para que ele por si mesmo forme a sua opinião. É como transferir a nossa vivência aos outros, ao telespectador, para que eles tirem as suas próprias conclusões. E, por sua vez, quando tu transferes esse processo dinâmico ao cinema, o material é riquíssimo. Tens garantida a amenidade, porque o contraste e o contraponto são tão altos, que tu tens como montar.

No caso de *A batalha do Chile*, o fazer cinema representava um processo de conhecimento da realidade e autoconhecimento político de si mesmo. Para Patricio Guzmán, o aprofundamento da consciência política se dá passo a passo às filmagens dos acontecimentos que conduziram ao golpe de Estado. “Comecei a entender os problemas do Estado – o Congresso, o nascimento dos grêmios da direita, o poder popular de esquerda – isso eu entendi durante *A batalha do Chile*, fazendo-a”. A inserção engajada do cineasta nos acontecimentos, como sujeito construtor da história, lembra de longe os escritos jornalísticos de Marx na *Nova Gazeta Renana*, em que o conhecimento das dinâmicas da revolução e da contrarrevolução na Alemanha vão sendo apreendidas no calor mesmo da luta política e no desenrolar dos acontecimentos decisivos.

A essência do método dialético seria a união entre a razão e a paixão. A razão seria necessária para pensar o mundo corretamente, livre das amarras de preconceitos e dos privilégios, enquanto a paixão seria o motor da luta política, da mudança social revolucionária. Não pensa dialeticamente quem não se move com o coração. Por isso o cinema de Patricio Guzmán não envelhece:

Acho que filmar com o coração se traduz, de um filme a outro em uma linguagem nova, porém semelhante à anterior. Há 25 anos filmar com o coração era diferente, mas parecido. Hoje também há quem o faça, com a câmera mais quieta. Mas você sabe que foi

filmado com coração. Muita coisa se pode mudar, mas a herança de filmar com o coração fica. Sempre se podem colher essas imagens sempre com o mesmo carinho. Isso não mudou.

O pensar dialético, por mover-se com o coração, é quase sempre um ato inconsciente de liberdade, que vincula o indivíduo a seu passado, ao presente em movimento e à construção do futuro. A dialética é um processo inacabado e ininterrupto, assim como a criação artística. Depois de mais de vinte anos da produção de *A batalha do Chile*, Patricio Guzmán confessa – ao falar de um dos seus filmes mais recentes *Chile, a memória obstinada* – os percalços do ato inconsciente de se conhecer a si mesmo e o mundo durante o processo da produção cinematográfica. O próprio processo de criação artística estaria sempre se renovando e nunca, por isso, deteria um ponto final. A impossibilidade de tomar consciência total da história é o que torna aspectos da criação artística desconhecidos para o autor da obra:

A verdade é que eu também não estou suficientemente longe de “A memória obstinada” como filme. Os mecanismos que eu utilizo, todavia, não tomei consciência deles. É uma mescla de narrações muito heterogêneas que de algum modo funciona e conquista o público. Porém eu não tenho muita consciência disso.

A sensibilidade artística de Patricio Guzmán torna seus filmes únicos e um verdadeiro primor de reconstituição dialética das contradições do mundo social. É certo que o seu intuito não é o de se transformar num historiador marxista, que exerceria sua profissão por meio do cinema. Talvez lhe seja totalmente estranha essa vinculação com o método dialético. Porém, o pensamento marxista-dialético muito pode ganhar com a devida apreciação de sua obra cinematográfica, a fim de aproximar a indagação teórica à paixão política mais autenticamente humana de transformar radicalmente o mundo em direções mais igualitárias. Ao desvendar as múltiplas totalidades do social como um processo sempre aberto à reflexão inovadora, os filmes de Patricio Guzmán e especialmente *A batalha*

do Chile se apresentam como um autêntico exercício de imaginação dialética, histórica e revolucionária.

À GUIZA DE CONCLUSÃO

Acompanhar as três partes de *A batalha do Chile* é, de certa forma, participar diretamente de processos históricos passados como se eles transcorressem ainda hoje sob os nossos pés. Tal é o vigor artístico dessa obra-prima de Patricio Guzmán, que ela nos remete à sensação de participarmos diretamente dos acontecimentos, como protagonistas anônimos da história. O foco central de *A batalha do Chile* é a luta de classes, sem o que a dialética marxista não passa de um exercício escolástico de interpretação filosófica da história. Trata-se, enfim, de um documentário que não deixa nada a dever em relação aos melhores ensaios marxistas de interpretação histórica dos acontecimentos políticos decisivos de uma dada sociedade, em termos da possibilidade de manutenção, destruição e superação da ordem social da exploração e dominação capitalista. Os rumos da história conduziram no Chile ao resultado final do fortalecimento e perpetuação da ordem capitalista, mas isso não significa o fechamento das alternativas socialistas e revolucionárias de construção do futuro. A maior lição de *A batalha do Chile* é a de que a história não é um mero dado da experiência ou uma sucessão mecânica de acontecimentos, mas uma possibilidade aberta que se reconstrói constantemente no calor da própria luta de classes.

Recebido em 20/03/2017 - Aprovado em 15/04/2017